

Ambiente de Monsanto será mantido

• construção da Universidade Técnica ajudará a preservar o parque, diz o reitor

MOUTINHO PEREIRA

Para quem se preocupa com o ambiente, o alargamento do polígono militar de tiro de Alcochete não é, nem pode ser, o mesmo que a edificação, em área semipolada de Monsanto, das instalações necessárias à Universidade Técnica de Lisboa. De contrário, estará a perder-se o sentido de perspectiva e de realidade.

PRIMEIRO, os factos. A Universidade Técnica de Lisboa está a romper pelas costuras. Dos seus 15 mil alunos, já os há tendo aulas em corredores (Faculdade de Arquitectura) ou num edifício abandonado por outra instituição, por falta de condições mínimas (Instituto Superior de Economia).

Por outro lado, verificam-se anomalias estruturais, como a da Faculdade de Agronomia, a funcionar na Ajuda, enquanto a de Veterinária está instalada na José Fontana, quando não devem funcionar separadamente.

Como é que este pilar do ensino superior chegou a uma situação de pré-catástrofe, são contos velhos e, para o caso, desinteressantes. Interessará mais dizer que se procura resolvê-la e como.

O primeiro passo consistiu em obter da Câmara Municipal de Lisboa a cedência de 65 hectares de terreno, em Monsanto. E aqui tem início outro tipo de problemas.

«Pronto! Lá se vai mais uma talhada do Parque... Esta é, de entre todas, a «acusação» mais frequente. Será assim?»

Dos 65 hectares apenas 15 serão ocupados por edificações e veredas de acesso, onde não é, de todo, permitido o trânsito automóvel. A área a ocupar — exactamente aquela onde se têm realizado as festas do Avante! — apresenta uma densidade arbórea muito ligeira, devido à própria constituição do solo. E a Universidade garante que toda a área ficará muito mais arborizada, cuidada e aberta à cidade, posta de parte que está a ideia, ultrapassada, de campus como um espaço fechado sobre si próprio.

Compreendo as preocupações dos ecologistas. Mas peço-lhes que compreendam, eles, que a Universidade vai valorizar o ambiente, e não degradá-lo. Não vamos derrubar árvores: vamos plantá-las. Também vamos estabelecer regras de utilização para que não se degrade o parque, nos

65 hectares de que somos os directos responsáveis», disse ao DN o reitor da Universidade Técnica de Lisboa, António Simões Lopes, que não gosta de ver o seu nome antecedido de «professor doutor».

«Que responsabilidade terá esta Universidade, se não for capaz de defender as suas próprias áreas de instalação, quando é a maior escola de Engenharia, de Arquitectura e a que forma licenciados em Arquitectura Paisagística», pergunta, com alguma ironia e certo desgosto, «Garanto que vamos aumentar o potencial ecológico da área, não fa-

zendo com isso mais do que assumir as nossas responsabilidades formativas, no mais vasto plano regional e urbano.»

Metodologia diferente embaraça burocratas

Claro que a instalação de vários sectores da Universidade numa zona antiga de Lisboa levanta questões, de solução possível, a analisar uma por uma, em vez de tudo se limitar como até agora, ao levantar de «preocupações gerais e genéricas quanto ao ambiente».

Os planos apontam para 20 mil alunos quando todas as edificações estiverem prontas, número em que se inclui os da já existente Faculdade de Agronomia. Há que actualizar a actual rede viária, já hoje sobrecarregada. Há que pensar nos fluxos de população local e no impacto que a população universitária terá sobre ela. Há que pensar em abastecimento de água, de energia e, até, na movimentação das pessoas que podem ameaçar o parque...

Ao mesmo tempo, sobre regras básicas preestabelecidas — como «não se permitem edifícios de altura superior à copa das árvores», ou «não se permite circulação automóvel no perímetro universitário», ou «tem que se construir um parque de estacionamento subterrâneo» — estão em curso três «projectos» distintos.

A metodologia seguida pela Universidade está a causar sérios embaraços à burocracia. «Não estão habituados a funcionar assim. Pedem-nos memorandos sobre memorandos, projectos, coisas feitas, quando nós, antes de fazer, pretendemos ouvir opiniões, escutar críticas, admitir outras soluções», diz o reitor, algo crispado.

«Nós temos engenheiros, arquitectos, arquitectos paisagistas, que formam engenheiros, arquitectos e arquitectos paisagistas. Há três grupos, a trabalhar em três projectos

diferentes. Teremos, portanto, à partida, três soluções diferentes, que me serão apresentadas dentro de 15 dias», revela António Simões Lopes.

«Simultaneamente, estamos a falar com a EPAL, a EDP, a Carris e com outras entidades, que não podem ficar alheias a um processo em que são parte directamente interessada. Procuramos soluções globais, inteligentes, para os problemas levantados pela instalação de 18 mil a 20 mil pessoas. Mas, estamos num país demasiado pequeno e em que todos queremos ter a mesma quinta...»

«Este projecto é fundamental»

«Ao nível da Universidade, este projecto é verdadeiramente fundamental», acentua o reitor da UTL. «O estado de degradação das actuais instalações é muito grande e o funcionamento da Universidade pode vir a ser afectado. A capacidade das actuais instalações poderá, também, vir a implicar problemas, para os quais não se vislumbram outra solução», acentua António Simões Lopes.

Mas, nos vários departamentos que têm a ver com a construção em Lisboa — incluindo departamentos governamentais — parece não haver sensibilidade capaz de entender que não se leva «um papel a despacho», mas que se pede ajuda para que técnicos experientes, responsáveis, habituados a lidar com determinado tipo de questões, digam de sua justiça se «assim está bem» ou, «em minha opinião, fazendo-se deste modo, ficará melhor».

«A sensação que tenho é a de que não desejam assumir responsabilidades, não se querem comprometer, emitindo uma opinião...», lamenta-se o reitor da UTL.

Também se poderá perguntar, voltando a colocar a questão desde o princípio: Por que construir as instalações da Universidade na Ajuda?

«Estamos numa Universidade Técnica, virada para os problemas do Desenvolvimento e para o trabalho interdisciplinar. Não podemos ter a Agronomia na Ajuda e a Veterinária na José Fontana... A Arquitectura Paisagística tem que estar junto da Agronomia. Há mais exemplos, como a Biotecnologia... Esta é justificação, uma delas. Outra está nos preços dos equipamentos. É muito mais barato termos um equipamento colectivo do que muitos

equipamentos. Em vez de termos um equipamento de informática em cada faculdade é muito mais acessível, e permite utilização mais intensa e mais rica, a criação de um centro de informática, comum às faculdades a instalar na Ajuda.»

Além deste pólo e do constituído pelo Instituto Superior Técnico, começam a esboçar-se projectos no sentido de criar um terceiro pólo num concelho limítrofe, provavelmente em Vila Franca e outro, vocacionado para a tecnologia e a prestação de serviços, talvez em Oeiras.

«Neste último — diz o reitor da Universidade Técnica de Lisboa — desenvolver-se-á investigação pura, interdisciplinar, em áreas tecnológicas de ponta em associação à prestação de serviços a pequenas e médias empresas, designadamente em termos de equipamento laboratorial.»

«Pensamos — ainda —, que será um ninho de empresas, pois se pretende lançar e estimular a criação de novas empresas, por parte dos alunos que terminam a sua formação, fornecendo-lhes, nos primeiros dois anos, instalações e equipamento de informática para avançarem em áreas relacionadas com a Indústria e com a agricultura.»

Estes, porém, são projectos a mais longo prazo. Para já 15 dias a contar de quinta-feira, 24, estarão na mesa «três concepções distintas de um plano global».

«Dentro da Universidade, vamos chamar professores de Arquitectura, do ISE e de Engenharia para as discutirem. A partir daí, alargaremos a discussão: pediremos ajuda à Associação dos Arquitectos e à Ordem dos Engenheiros. Numa terceira fase, com o apoio da UNESCO, da OCDE e do Concelho da Europa, vamos organizar em Julho, em Lisboa, uma reunião de peritos nacionais e internacionais para criticarem as três concepções. Daí resultará um quarto estudo, que será a concepção final, quer para o projecto quer para as edificações...» revelou o reitor da Universidade Técnica de Lisboa.

Como se disse de início, a instalação da Universidade na fimbria do Parque de Monsanto não é exactamente o mesmo que o alargamento do campo de tiro de Alcochete...

equipamento - Instalações
Universidade Técnica de Lisboa